

10 Propostas para a Cidade Latino-americana Pós-COVID-19

Resultados do Concurso
de Ideias “COVID-19:
novas oportunidades
para cidades sustentáveis”

Conteúdo

1. **Prefácio**

2. **Iniciativa Cidades com Futuro**

3. **Sobre o Concurso de Ideias “COVID-19: novas oportunidades para cidades sustentáveis”**

4. **Esta situação apresenta uma oportunidade para as cidades latino-americanas?**

Três reflexões a partir do desenvolvimento do Concurso

Saberes comunitários, possíveis parcerias e COVID-19: um olhar sobre a participação cidadã

Lorena Ruiz, em colaboração com Joy González-Güeto

Um catálogo de propostas para inclusão, inteligência, criatividade e articulação comunitária como matérias-primas

Andrés Borthagaray

Panorama socioambiental do design na América Latina

Ana María Durán Calisto

5. **Propostas vencedoras**

- Sete menções honrosas
- 3º Lugar
- 2º Lugar
- 1º Lugar

1. Prefácio

A pandemia de COVID-19 obrigou as cidades latino-americanas a repensar suas políticas de desenvolvimento para enfrentar a nova realidade local e o enorme desafio de manter um equilíbrio harmonioso entre o desempenho econômico e o bem-estar social de seus cidadãos, com atenção especial aos que se encontram em situação de maior vulnerabilidade.

A COVID-19 expôs, com manifesto rigor, as limitações das nossas cidades, as quais, em geral, respondem às questões estruturais dos seus modelos de desenvolvimento territorial. No entanto, apesar da complexidade e escala dos desafios que as cidades latino-americanas enfrentam, é notável que essas mesmas restrições, em muitos casos, têm contribuído para a resiliência, a criatividade e a engenhosidade para projetar e implementar soluções que não apenas respondam à situação, mas também transcendem a crise com um olhar no futuro.

Muitas dessas ideias têm estimulado práticas permanentes, funcionais para uma vida mais sustentável e saudável nas cidades. Em muitos casos, até contribuindo para melhorar o acesso das populações mais pobres a serviços básicos, emprego, educação, saúde etc., e espaços públicos de qualidade. A identificação dessas boas ideias surgidas durante a pandemia com potencial para se tornarem políticas

públicas é, justamente, o que nos motivou, no âmbito da iniciativa da CAF, “Cidades com Futuro” e com o apoio de nossos parceiros da Fundação Avina, a promover o Concurso de Ideias “COVID-19: novas oportunidades para cidades sustentáveis”.

Com o “Cidades com Futuro”, queremos colaborar na busca de soluções para os problemas de desigualdade, exclusão e baixa produtividade que dificultam o desenvolvimento urbano da América Latina. Para nós, o sucesso da convocação não reside apenas nas mais de 320 ideias recebidas, de 20 países, mas na forma como se apresentam estratégias inovadoras para intervir nesses obstáculos, fazendo da crise uma oportunidade de acessar as diversas vantagens potenciais que a vida urbana oferece.

Temos o prazer de compartilhar com vocês as 10 propostas mais surpreendentes, certos de que, por meio delas, podemos imaginar e planejar a possibilidade de construirmos juntos um futuro urbano mais inclusivo, produtivo e resiliente.

Julián Suárez Migliozi
Vice-presidente de Desenvolvimento
Sustentável do CAF

2. Sobre a iniciativa Cidades com Futuro

4

O rápido processo de urbanização na América Latina não foi acompanhado por uma oferta adequada de serviços e infraestrutura, causando, em muitos casos, a proliferação de desigualdades, evidentes na capacidade que indivíduos e empresas têm de acessar os serviços e as oportunidades oferecidos pelos ambientes urbanos. Estudos sobre este processo mostram que cidades com maiores taxas de expansão descontrolada, geralmente, têm níveis mais elevados de desigualdade e que há uma correlação notória entre a expansão desordenada, segregação e crescimento de favelas.

A situação atual da COVID-19 agravou esses grandes desequilíbrios pré-existentes, desacelerando a produção, complicando a distribuição de serviços e ampliando as desigualdades. Esta realidade tem particular impacto em nossa região, onde uma em cada três famílias vive em habitações inadequadas, que não têm as dimensões nem as condições de saneamento básico para desenvolver uma vida digna e menos ainda para cumprir as rígidas normas de distanciamento social que a COVID-19 impõe. Por outro lado, milhões de trabalhadores informais viram suas fontes de renda diminuir, pois dependem das condições que os espaços públicos podem oferecer para o desenvolvimento de suas atividades.

As duras restrições à mobilidade e as mudanças impostas por esta situação exigem repensar a maneira como construímos as cidades e acessamos seus benefícios. Com políticas adequa-

das, as cidades têm potencial para se tornarem fontes de inovação e crescimento econômico, uma vez que estimulam a economia em virtude dos benefícios derivados da proximidade, intensidade e frequência com que ocorrem as trocas de bens e serviços entre os agentes que convivem em seu território, constituindo-se em locais favoráveis à melhoria do bem-estar dos cidadãos, nos aspectos trabalhista, educacional, assistencial e de saúde.

O CAF, por meio de sua iniciativa “Cidades com Futuro”, busca promover ações que fortaleçam o acesso às oportunidades oferecidas pelas cidades latino-americanas, melhorando os níveis de inclusão social nas mesmas, aumentando os níveis de produtividade e mitigando externalidades negativas que afetam a qualidade de vida. O Concurso de Ideias “COVID-19: novas oportunidades para cidades sustentáveis” faz parte desse objetivo. Cada uma das ideias apresentadas neste documento, independentemente de sua escala, constituem, sem dúvida, atitudes para a construção de uma vida mais digna nos bairros das nossas cidades.

Equipe de Coordenação
Iniciativa “Cidades com Futuro”

3. COVID-19: novas oportunidades para cidades MAIS SUSTENTÁVEIS

Através do Concurso de Ideias “COVID-19: novas oportunidades para cidades sustentáveis”, buscamos estimular a configuração de ambientes urbanos mais equilibrados, baseados em maior acesso às oportunidades e que promovam a inclusão social e a produtividade em nossas cidades. São valores compartilhados com a Fundação AVINA e que promovemos em nossas ações de acompanhamento ao desenvolvimento urbano sustentável da região. Portanto, somamos os esforços de ambas as instituições para alcançar este objetivo.

Tendo em vista o contexto das emergências sanitárias e ao contrário das edições anteriores, esta sexta edição do Concurso de Desenvolvimento Urbano do CAF focou, sobretudo, na identificação de ideias em estado de incubação que descrevam intervenções criativas e inovadoras, em prol de soluções para os diversos desafios impostos às cidades durante o período de transição pós-pandêmica, principalmente aqueles relacionadas à gradual recuperação econômica e social das comunidades que as habitam.

A convocação foi lançada em 23 de outubro de 2020, com recebimento de propostas até 29 de novembro. A decisão do Júri foi tomada em 11 de dezembro de 2020, dentre as mais de 320 propostas, de 20 países da América Latina e Europa.

O objetivo foi incentivar a participação dos diferentes atores da sociedade civil para identificar, analisar, conceituar e projetar aquelas ideias que permitem caminhar para cidades mais sustentáveis, produtivas e resilientes. As soluções propostas deveriam considerar de forma abrangente os elementos relacionados a pelo menos uma das seguintes dimensões urbanas:

- Espaços públicos
- Espaços de uso coletivo
- Assentamentos informais
- Mobilidade não motorizada
- Transporte público

Embora as ideias propostas deveriam surgir como uma resposta ou consequência da pandemia, foram reconhecidas aquelas pensadas para permanecer além da conjuntura, mesmo para resolver problemas que existiam antes da COVID-19. Entendemos que, apesar das dificuldades, a crise atual foi e pode continuar a ser, em essência, uma oportunidade para o futuro.

Nesse sentido, as propostas apresentadas e premiadas mostraram, pelo menos, uma das seguintes características diferenciadoras:

A. Resilientes: as propostas contemplavam o desenvolvimento de uma capacidade de adaptação a diferentes cenários de recuperação econômica e dinamização da vida urbana, em suas diferentes etapas e fases.

B. Inclusivas: promovem a participação e a inclusão social em um contexto de distanciamento físico, com foco em gênero e populações vulneráveis, e visam a reduzir a desigualdade e a segregação social. Da mesma forma, contemplam estratégias para a cooperação multissetorial e o fortalecimento da governança urbana.

C. Ambientalmente sustentáveis: propostas que integram, tácita e transversalmente, critérios de sustentabilidade ambiental em cenários como redução da pegada de carbono,

gestão de resíduos urbanos, redução de riscos, mitigação e adaptação em áreas de vulnerabilidade e em um contexto global de mudanças climáticas.

D. Produtivas: representam oportunidades que visam a otimizar recursos econômicos, sociais e ambientais na geração de bem-estar e qualidade de vida para as pessoas. Inclui a redução de custos operacionais, o reforço das redes locais de produtividade, o acesso ao emprego e a geração de oportunidades com valor econômico do ponto de vista territorial.

As propostas vencedoras foram escolhidas com base em: (1) seu alinhamento com o contexto de intervenção (2) inovação (3) possibilidade de realização (4) relação custo-impacto.

4. Esta situação apresenta uma oportunidade para as cidades latino-americanas?

TRÊS REFLEXÕES A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO DO CONCURSO*

Conhecimento comunitário, possíveis parcerias e COVID-19: um olhar sobre participação cidadã

Lorena Ruiz*
Joy González-Güeto

A pandemia de COVID-19 não é uma coincidência, um evento aleatório ou imprevisto. Possui profundas raízes históricas e estruturais, que resultam em dinâmicas socioeconômicas de destruição ambiental e reprodução das desigualdades. Apresentamos, continuamente, esses processos como “falhas” que acontecem em outros lugares e para outras pessoas, mas, na realidade, estão sempre lá, ignorados ou invisibilizados: acesso desigual a direitos, como água, saúde, moradia, lazer ou espaço público, é uma constante na América Latina e no mundo, muito antes do surto do coronavírus.

A forma majoritária de entender fenômenos globais como pandemias, mas também migrações, conflitos armados, pobreza ou aquecimento global, implica a ideia de que são esses outros lugares e essas outras pessoas que têm a obrigação moral de preocupação de integrarem-se a processos de participação cidadã propostos de fora. De fora, esses outros, os habitantes das periferias das cidades, os deslocados, mas também os idosos ou os adolescentes, são vistos como passivos ou desinteressados.

Parece haver consenso na consideração de que certos grupos sociais não participam suficientemente ou não participam diretamente. Isso torna necessário recuperar algumas questões: O que entendemos por participação cidadã? Quem a define? O que está dentro e o que está fora dessa definição? Inclui crianças que, juntas, cortam o mato para jogar bola, que desenham portarias com os materiais recicláveis que têm em mãos e, assim, habitam coletivamente um local abandonado? Inclui redes de cuidados de vizinhança? Inclui os dispositivos construídos pelas comunidades para acessar a água? Inclui, portanto, o rotineiro, o que parece banal, o que acontece nos laços do cotidiano, a inventividade de misturar e reaproveitar, o uso criativo do que cada um tem e do que os outros podem oferecer? Talvez o que costumamos chamar de participação esteja muito impregnado de dinâmicas predefinidas, estratégias institucionais extrativistas, problemas identificados externamente às comunidades e sem relação com aqueles a quem supostamente afetam.

* As ideias contidas nesses textos são de responsabilidade exclusiva dos autores e não interferem na posição oficial do CAF.



Fotografia de Nacho Goytre. Medialab Prado. Licença Creative Commons, CC BY-SA 2.0.

8

Partir do pressuposto de que as comunidades não estão participando o suficiente da construção da cidade traz consigo a definição de cidade que costuma circular: a do concreto e das grandes obras, a dos centros turísticos, a do automóvel e espaços públicos privatizados. Enquanto isso, a participação está acontecendo: as comunidades ainda estão envolvidas na construção da cidade quando se reúnem para pensar em como poderiam fazer uma horta comunitária. Além disso, não se trata apenas de pensar, mas também de fazer. Os vizinhos se unem para colaborar e, dessa ação coletiva, surgem tecnologias, intervenções comuns, planos cotidianos que geram reflexões, cuidado e apoio mútuo.

Existem, portanto, diversas formas de as pessoas exercerem e renovarem seu direito à cidade, ou melhor, às múltiplas cidades que imaginam e criam em suas práticas cotidianas, para além da resolução de problemas: espaços de encontro, o lúdico e o festivo, lugares esteticamente belos e agradáveis. Se essas práticas encontrassem abrigo na ideia clássica de participação, talvez pudéssemos desenhar estratégias mais eficazes de diálogo e articulação entre diferentes atores – academia, governos, empresas e cidadãos – para alcançar ambientes urbanos mais coesos, inclusivos e sustentáveis.



Fotografia da Escola de Circo do Caribe. Fundación Koinonia. Licença Creative Commons, CC BY-SA 2.0.

As diferentes comunidades que compõem os ambientes urbanos conversam ativamente sobre muitas frentes: conflitos de bairro, infraestrutura de serviços, educação, violência, meio ambiente, desemprego. Para muitas pessoas nas cidades latino-americanas, participar não é uma opção, mas a única forma de sobreviver em ambientes que as expulsam, constantemente, do espaço público e do acesso a direitos, bens e serviços. As comunidades sabem agir, porque sempre agiram: inventando formas de conseguir água e comida, transitando nas ruas sem serem criminalizadas, criando reciprocidade ou usando parques e praças (e até construindo parques e praças).

Todas essas conversas, práticas e tecnologias comunitárias vieram à tona como efeito da pandemia de COVID-19. Ao aprender com

essa conjuntura global, é preciso romper a tendência de associar a participação a uma opção a mais, como se fosse um acréscimo às formas já estabelecidas de habitar a cidade. A participação é precisamente o momento em que colocamos em prática formas de viver e imaginar a cidade: distintas, conflituosas e contraditórias entre si. Poderíamos, então, começar a definir a participação como questão vital em seu sentido mais material: assumir coletivamente o controle da vida, porque sem comunidade, sem laços de vizinhança, vivemos pior ou não vivemos de forma alguma. Assim, a pandemia evidencia o que há muito se afirma a partir de abordagens como a ecofeminista: a interdependência não é uma escolha, é o que nos constitui.



Fotografia de Lukasz Michalak. Medialab Prado. Licença Creative Commons, CC BY-SA 2.0.

10

Para atravessar a pandemia e pensar nas cidades pós-COVID, talvez, a questão não seja apenas como conseguir uma maior participação dos cidadãos, mas também como e em quais partes de nossas cidades as pessoas estão construindo espaços urbanos mais habitáveis coletivamente. A busca por uma maior participação cidadã não é, então, um trabalho de intervenção, mas um trabalho de mapeamento, uma busca, para encontrar quais comunidades e onde estão realizando iniciativas para sobreviver, para se manter saudáveis, para desfrutar a cidade. A melhoria do ambiente urbano depende desse reconhecimento das estratégias locais de resistência e criação. Neste ponto, o papel das instituições é crucial: é fundamental que ouçam, que se aproximem dos projetos de cidadania em curso, que os

observem e acompanhem, oferecendo-lhes continuidade, estruturas para sua sustentabilidade e replicabilidade.

A responsabilidade compartilhada entre diferentes atores para abordar o que nos afeta coletivamente abre o debate sobre o conhecimento envolvido no enfrentamento de problemas globais, como a pandemia. A crise desencadeada pela COVID-19 mostra a importância do conhecimento especializado, mas também destaca a urgência de ouvir vozes que falam na primeira pessoa e reconhecer o valor do conhecimento local e situado. As comunidades são dotadas de conhecimentos, muitas vezes, desapropriados e transformados em mercadoria, o que torna a tarefa de torná-los visíveis e reconhecê-los uma urgência ainda mais premente.



Fotografia de Julie Roy González. Fundación Koinonia. Licencia Creative Commons, CC BY-SA 2.0.

Precisamos que a combinação de diferentes saberes seja possível, superando as lógicas extrativistas presentes na pesquisa acadêmica e científica e que também permeiam os processos de participação cidadã. De onde vêm as perguntas relevantes? Quem define os problemas a serem abordados? Em que termos o fazem? Qual é o retorno para as comunidades? São muitos os exemplos em que especialistas introduzem processos de trabalho e soluções sem conhecer ou considerar o contexto específico, as pessoas que o habitam, suas sensibilidades, prioridades e conhecimentos. A abordagem poderia partir, ao contrário, da indagação sobre as necessidades já identificadas pela comunidade e como atendê-las em conjunto, em uma dinâmica colaborativa em que cada parte contribuiria com o que tem

(conhecimentos específicos, técnicas, habilidades, recursos, tecnologias etc.).

Os processos de participação não são atravessados apenas pelos conhecimentos que as pessoas trazem para eles, mas no decorrer desses processos, novos conhecimentos são gerados. Em termos quantitativos e qualitativos, o volume, a riqueza e o valor desses conhecimentos são incalculáveis. É necessária uma documentação profusa, que nos permita identificar e sistematizar as informações relevantes, extraindo aprendizados que podem circular livremente para que outras pessoas possam fazer uso deles em outros contextos. Tendemos a esquecer o potencial reflexivo da participação, mas este pode ser um bom momento para recuperá-lo: criar conhecimento a partir da ação, em diá-

logo com práticas concretas e materiais. Compartilhar o que sabemos e aprendemos é outra forma de cuidado coletivo, de trabalho em rede distribuída, que torna as comunidades mais fortes e resilientes.

Os ambientes urbanos estão marcados por proibições, regulamentos expulsivos, fronteiras (cercas, muros), medos, angústias, silêncios. Também abundam em conhecimento, força, encontros, beleza e cuidado. O que encontros, beleza e cuidado. O que queremos para nossas cidades? O que podemos fazer por nossas cidades? Os projetos inscritos no

Concurso de Ideias “COVID-19: Novas oportunidades para cidades sustentáveis mostram, precisamente, a capacidade de colaboração e participação para tornar os ambientes urbanos acolhedores, diversos, acessíveis e habitáveis. Portanto, precisamos reconstruir em uma chave interseccional o que conhecemos como participação, para transversalizar seu significado, pois participar junto com outras pessoas em nosso ambiente gera bem-estar e saúde, tanto individual quanto coletivamente. Oferece-nos sustentação para a vida por meio do apoio mútuo. Só assim podemos criar cidades nas quais valha a pena viver.

LORENA RUIZ*

Doutora em Sociologia pela Universidad Complutense de Madrid.

Realiza pesquisas e docência sobre as desigualdades sociais no campo da saúde. Entre 2014 e 2018, foi mediadora cultural e chefe do Laboratório de Inovação Cidadã do Medialab Prado, onde trabalhou com experimentação urbana, abertura institucional e construção de comunidades por meio da cultura colaborativa. Como resultado dessa experiência, realiza capacitação e consultoria sobre laboratórios cidadãos e processos de cooperação público-social.

Um catálogo de propostas para a inclusão. Inteligência, criatividade e articulação da comunidade como matérias-primas.

Andrés Borthagaray*

A crise da COVID-19, marcada por medidas de isolamento social e a consequente desestruturação das atividades econômicas e sociais, tem, manifestamente, um impacto desigual nos diferentes setores da sociedade. No entanto, não há nenhum setor que não tenha sido afetado. Destacou a necessidade de cobertura nas redes de saúde, nos espaços públicos e equipamentos locais, no acesso aos serviços essenciais, na possibilidade de viajar de forma segura e universal. E também marcou o quão pouco adaptadas estão as infraestruturas às quais uma parte significativa dos esforços foram investidos em situações de emergência. Tais reflexões, a partir das propostas recebidas, foram desenvolvidas em quatro pontos.

Em primeiro lugar, o contexto das cidades latino-americanas frente à COVID-19 já marcava

um dinamismo associado a altos níveis de desigualdade. A crise tem agido como um catalisador. As respostas oferecem uma chave de leitura tanto sobre o que nos permitiu melhor nos prepararmos quanto sobre uma situação que parecemos enfrentar com certa resignação. Em segundo lugar, procura-se analisar como se declina no quadro de uma grande diversidade geográfica e temática das estratégias propostas, que podem ser agrupadas em famílias de temas. Terceiro, aprofunda-se na seleção realizada e na contribuição global dos trabalhos recebidos, em que se destaca a importância de ver o conjunto de propostas como fonte de possíveis reflexões e ações. Por fim, como conclusão, trata-se de extrair uma mensagem para um projeto e gestão de cidades inteligentes no uso de recursos, inclusiva, sustentável e integradora no âmbito de seus benefícios.

01

O contexto das cidades latino-americanas frente à COVID-19.

Em um contexto já abalado por crises pré-existentes, marcado pela desigualdade, os desafios das mudanças climáticas e os critérios de avaliação de projetos careciam claramente de uma revisão crítica. A emergência sublinhada pela COVID-19 expôs também a necessidade de adaptar estratégias, organização social e infraestruturas para dar melhores respostas às reais necessidades, com maior rapidez e abrangência em nossas cidades. Assim, algumas decisões que implicaram em elevados encargos em termos orçamentários, cujos

benefícios ambientais e sociais há muito já se demonstram, passam a ser o reflexo de dois custos de oportunidade *versus* outras necessidades facilmente demonstráveis e que requerem atenção urgente.

Claro, a pandemia afetou a todos. Mas as consequências não são as mesmas. Com efeito, as medidas de isolamento social tiveram consequências para quem se encontrava em habitações com possibilidade de ampliação, ventilação e espaços verdes próprios ou próximos e acessíveis, servidas por redes de água potável e esgoto, energia e conectividade digital, sem superlotação, com possibilida-

de de acessar a pé a um conjunto de ofertas. Em muitos casos, além disso, com a possibilidade de acessar modalidades de trabalho virtuais. Porém, as consequências foram muito mais graves para quem se encontrava em locais distantes das oportunidades, com maiores níveis de congestionamento e superlotação nas residências, com conexões parciais, muitas vezes sem água para seguir as recomendações mínimas de higiene promovidas por meio de cam-

panhas públicas. Com menos oportunidades na vizinhança, menos espaços verdes públicos acessíveis, nenhuma alternativa virtual para atividades presenciais como fonte de sustento. É claro que, nesses casos, as consequências exigiam respostas imediatas de outra natureza a uma situação extraordinária e extrema. As propostas apresentam estratégias de valor universal, mas muito contribuem para melhorar e chamar a atenção para os setores mais vulneráveis.

02

A diversidade geográfica e temática das estratégias propostas.



Proposta Rede de Intervenções em Áreas de Encostas (Peru)

Em diferentes climas e escalas demográficas, as propostas foram formuladas a partir de uma realidade eminentemente urbana. Assim, a capacidade de expansão dos agregados familiares, as condições de iluminação, ventilação e condicionamento, o acesso à água, as condições alimentares, a organização comunitária, a articulação das redes de saúde, a existência de infraestruturas e serviços próximos, a organização do espaço físico da educação, a forma de pensar o papel da mobilidade susten-

tável, da rua e do espaço público são alguns dos exemplos das questões tratadas nas cidades que são objeto da convocação. Podem ser agrupadas por famílias de assuntos, como, de alguma forma, o fez o júri.

Há, porém, denominadores comuns que, mais uma vez, nos levam a pensar em uma ordem de prioridades para nossas cidades diferente daquela que a situação anterior à crise nos havia oferecido. Vulnerabilidade a novos desafios de saúde, é claro. Nesse caso, a COVID-19, contra a qual, no momento da apresentação dos trabalhos, parecia ser um ponto de inflexão, mas ainda muito longe de uma situação consolidada que permita reverter os efeitos no sistema produtivo e na inserção social. É verdade, vários países asiáticos conseguiram efeitos menos negativos, mesmo, em muitos casos, sem paralisar as atividades. Precisamente, entre os motivos que permitiram o feito, atribui-se um peso significativo à experiência de ter vivido outras pandemias recentes e às lições aprendidas em consequência.

A necessidade de responder à crise atual em nosso contexto continua urgente. Sabemos também que não será a última, nem que para superá-la terão sido afastados outros males endêmicos aos quais não reagimos por completo, com manifestações diversas dependendo das regiões e dos problemas.

Por outro lado, o desafio de atuar sobre as mudanças climáticas, em associação com medidas sociais, é, em grande parte, um desafio de projeto e uma forma incontornável de melhor adaptação às emergências. Embora venha a afetar nossas cidades de distintas maneiras, tem nessas propostas uma orientação para ações futuras.

As formas de utilização dos materiais e das soluções tecnológicas, as demandas de

energia, a forma de chamar a atenção para os problemas com respostas imediatas, o somatório de esforços articulados socialmente são alguns dos principais pontos. A possibilidade de trocar informações, de incorporar cada vez mais dados, não nos torna necessariamente mais inteligentes, mas nos oferece uma base para tomarmos melhores decisões se pudermos analisá-la em nível regional.

03

O processo de seleção e denominadores comuns.

Procurou-se encontrar exemplos emblemáticos de cada um dos temas ou famílias de temas. Entre uma gama de propostas de alta qualidade. A ajuda dos organizadores permitiu clarear o panorama e facilitou as deliberações, esclare-

cendo critérios para a seleção. A memória do júri expande os méritos dos projetos vencedores. Apesar disso, naturalmente, resta a possibilidade de não ter sido feita justiça a outras propostas de qualidade, que mereceriam maior consideração. Por esse motivo, mais uma vez, vale a pena revisar o conjunto de iniciativas propostas posteriormente.



Proposta Infraestruturas para a Água. Estratégias para a Boa Gestão dos Recursos Hídricos (Colômbia)

As contribuições dos projetos que são objeto de prêmios ou menções e aqueles que, por motivos diversos, não permaneceram na seleção, mas que também merecem crédito,

oferecem um conjunto de soluções possíveis. Uma exposição que deveria inspirar nossa paleta de opções para estudar em diferentes instâncias de formulação de políticas.

04

Mensagem para cidades inteligentes na utilização de recursos e inclusivas no alcance de seus benefícios.

As propostas oferecem possíveis cursos de ação. Uma forma de conceber o espaço e sua articulação social, a relação com o meio natural, a infraestrutura como objeto de reflexão, a forma de produzir e remunerar os esforços. Nesse sentido, o concurso é um alto-falante para que as mensagens enviadas das diferentes cidades, por meio dos participantes, tenham maior alcance e influência no futuro. Cada resposta à convocação está desenvolvida a partir de um contexto preciso.

O design não responde apenas a uma lógica espacial. Nesse sentido, as formas de se deslocar, se interconectar, se alimentar, digerir, acessar o espaço da educação, de pensar os ritmos e temporalidades são determinantes. Nas respostas à convocação, diferentes disciplinas articuladas no espaço são combinadas por meio de uma conjunção de vontades. Destaca-se a importância da infraestrutura, não só das grandes redes de serviços urbanos, mas também da escala de maior proximidade, a imediata, que permite respostas mais rápidas e pontuais. Uma relação que incorpora uma concepção de tecnologia como instrumento adaptado e redesenhado e não como solução já pronta que se impõe fora de contexto. À distância, sempre há uma limitação. O desafio aqui é encontrar uma mensagem local, em um diálogo interativo entre programa e projeto.

As transições entre o espaço público e o privado, quando os locais de expansão das moradias se multiplicam com as possibilidades oferecidas pelo espaço público, alteram radicalmente as condições de vida urbana. Também entre os espaços educacionais e suas áreas abertas de expansão. Em todas as partes, mas especialmente nos locais mais vulneráveis. Por isso, a onipresença no acesso a esses espaços por

meio das propostas é de grande interesse. De cantinas e trabalhos comunitários em encostas, da rua como espaço público por excelência capaz de multiplicar o espaço verde público, dos tanques e cursos d'água, a relação com o meio natural é uma constante nas propostas. Tanto áreas de urbanização mais incipientes quanto em centros consolidados. A visibilidade de rios e riachos, em vez de um lugar escondido por canos ou barreiras viárias, é expressa em diferentes respostas.

O design pode atingir seu maior potencial quando incorpora uma reflexão e seu impacto no modo de produção da cidade. Quando, como várias das reflexões mostram, um uso inteligente de recursos significa pensar não apenas em como esses bens escassos são administrados, nem em como uma ilusão tecnológica se introduz, muitas vezes, fora de contexto, mas também em como a administração se organiza no espaço, em diferentes escalas do território. Nesse sentido, por trás das propostas, há uma concepção sobre a questão comunitária, das instituições públicas e do papel dos prestadores de serviços, que permite uma reflexão adicional. Nesse sentido, está presente uma dimensão de direitos capaz de mudar as dinâmicas anteriores à crise. No entanto, um desafio maior é como articular possíveis escalas de intervenção com base nessas respostas.

O chamado do CAF para o concurso “COVID-19: novas oportunidades para cidades sustentáveis” teve como objetivo colocar em pauta estratégias que pudessem fornecer respostas imediatas e antecipar futuras linhas de ação. O conjunto de propostas oferece estratégias de notável variedade temática e geográfica. Tem valor enquanto tal, visto que deixa o alcance das em mãos uma fonte de inspiração baseada na reflexão e nas articulações comunitária e institucional, com diferentes graus de evolução nos respectivos níveis de execução, em todas as vozes que se responderam a este chamado.



Fotografia: Albano García, para A Revista ARQUIS, "Movilidad Posfósil", agosto de 2017

ANDRÉS BORTHAGARAY*

Arquiteto pela Faculdade de Arquitetura, Design e Urbanismo da Universidade de Buenos Aires (UBA), Diploma Internacional em Administração Pública pela École Nationale d'Administration de France e doutor em Geografia e Planejamento Urbano pela Sorbonne Nouvelle - Paris III. É diretor para a América Latina do Instituto pela Cidade em Movimento, presidente da Fundação Urbanismo e diretor do Programa de Pós-graduação em Design e Gestão de Cidades Inteligentes e Inclusivas da FADU-UBA. Foi subsecretário de Descentralização, Transporte e Trânsito e diretor executivo do Conselho de Planejamento Estratégico da Cidade de Buenos Aires.

Panorama socioambiental do design na América Latina

Ana María Durán Calisto*

O que é fascinante em um concurso internacional da magnitude do *COVID-19: novas oportunidades para cidades sustentáveis* é que oferece um levantamento panorâmico dos padrões e preocupações que moldam o mapeamento do design na vasta e diversa região que conhecemos como América Latina. Entre textos e imagens, folha a folha, ganha ressonância uma profunda preocupação com os bairros autoconstruídos; isto é, devido à condição de acentuada desigualdade que caracteriza nossas cidades. As propostas afirmam que é possível coproduzir, com criatividade e poucos recursos, uma melhor qualidade de vida para seus milhares de habitantes. A pandemia deixou claro que muitos latino-americanos não conseguem lavar as mãos, se isolar ou ficar em casa. Muitos vivem aglomerados, esperando a passagem de uma pipa d'água, sem luz e sem internet, buscando a doação de um prato de comida para si e seus familiares nas ruas e entre as pessoas.

Neste contexto, não é de estranhar que inúmeros projetos tenham focado em evidenciar a relação entre água, saúde e vida em várias escalas, a partir de uma série de microdispositivos (filtros minerais ou vegetais caseiros, tanques, pias, latrinas, coletores, chuveiros banheiros); redes intermediárias de escolas públicas que coletam água da chuva; macrointervenções de remediação regional de rios cuja extensão é gerida por meio de intervenções transversais de natureza local (nos bairros);

ou mesmo um planejamento territorial marcado pelo surgimento de grandes áreas agroflorestais em cidades regionais. A água permeia fortemente imaginário urbano para fixar-se quase como “uma terapia” descentralizada e de baixo custo, como corredor verde, ou como capilaridade que irriga uma cidade ou região. A reciclagem e os centros comunitários que a facilitam fizeram parte desta aposta pelas infraestruturas azuis e verdes, chave para a redução da temperatura nas ilhas de calor geralmente associadas ao déficit de vegetação nos bairros mais carentes.

¡Água!, por exemplo, é uma microinfraestrutura que atua como pia, luminária, megafone, filtro, suporte vegetal e sinalização; ilumina o mapa da precariedade, povoando a noite com lanternas fotovoltaicas que denunciam, protestam e exigem um direito básico que foi negado a esses bairros. Função e registro, começa a preparar o terreno para as possibilidades abertas pelo desenvolvimento de sistemas descentralizados de prestação de serviços em bairros que não se ajustam facilmente aos rigores das redes centrais de água potável, eletricidade e telecomunicações. As microinfraestruturas são um campo pendente de inovação. Exigem investimentos iniciais, mas podem, eventualmente, oferecer a essas famílias serviços de baixo ou nenhum custo. Outras microinfraestruturas foram concebidas como incrustações que iluminam, ventilam ou oxigenam o ar; de baixa tecnologia, alta tecnologia ou híbridos.



Proposta AQUA! (Brasil)

Ao clamor por água e pelo verde se somou a invocação da segurança alimentar. Inúmeros trabalhos se propõem a abrir espaço para a agricultura ou agroecologia na cidade, desde a escala de um vaso empilhável, passando pela escala intermediária de uma horta comunitária no espaço público (compostagem incluída), até atingir a escala regional de um parque agrourbano. A pandemia destacou nossa vulnerabilidade alimentar. Muitas mãos começaram a plantar e os olhos dos projetistas imaginam as plantações abrindo caminho nos interstícios, encostas, solos subutilizados de nossas cidades; em sistemas agrícolas verticais, horizontais, escalonados, internos, externos ou estratificados. Vários dos projetos recuperam técnicas agrícolas ancestrais, em particular no Peru, país que quero citar por ter produzido algumas das propostas mais inovadoras, em todas as escalas, a partir da reconexão profunda com suas raízes.

“**Bairros que cuidam**”, um projeto peruano abrangente e bem realizado, identifica um potencial existente e o catalisa. Nos bairros ne-

gliciados de Lima, as mulheres organizam painéis comunitários e restaurantes populares. Este projeto centra-se nas economias domésticas e carentes de atenção, a espinha dorsal da vida, ainda mais da vida precária. A equipe de profissionais que apresenta a proposta junta-se ao trabalho coletivo e engenhoso das moradoras para conceber uma espécie de terapia urbana que propõe a inserção estratégica de restaurantes ampliados e multifuncionais, cujo objetivo prioritário é complementado por outros de enorme valor para o vizinhos. Esses nós servem de catalisador para outras formas de cooperação: como uma horta urbana, um espaço recreativo para crianças (às vezes na encosta), uma oficina de capacitação e produção, uma área de internet de apoio à educação (de crianças, jovens e adultos), banheiro público, centro comunitário. Os espaços de intervenção são identificados com base nas potencialidades e oportunidades existentes; são abertos e bem ventilados. A autogestão estende sua mão para incluir vários atores, todos coordenados pelo Comitê Anti-COVID-19.



Imagem de RESTAURANTE POPULAR DOS ANOS 80 EM LIMA.
Proposta BAIRROS QUE CUIDAM (PERU)

Vários projetos se propõem a recuperar os espaços que o automóvel monopolizou.

O “ERES” reivindica a rua como um espaço público primário e onipresente, intervindo estrategicamente em artérias secundárias de bairros vulneráveis, que podem ser temporariamente convertidas em áreas de uso comum e, eventualmente, peatonais. ERES são microações que põem à prova um potencial de transformação do que temos em mãos. A rua é concebida como extensão social ou coletiva do espaço doméstico. Como tal, pode ser acionada, programada e implantada de acordo com as necessidades que complementam o universo interior da casa: como horta, microparque linear, mercado, espaço cultural, galeria de arte, cinema, oficina ou centro cultural. As possibilidades são infinitas e são decididas pela comunidade local. As microações específicas que ocupam a rua são potencializadas com a criação de um aplicativo que permite a

divulgação das informações e a programação dinâmica de seus usos.

A vida ganha uma nova vida, criada com materiais reciclados ou reutilizados. A comunidade decide se o espaço retirado dos automóveis permanece, pulsa ou se retrai.

Tem sido revelador entender como o território latino-americano interpreta o que é tático.

Não apenas como uma intervenção estratégica, de pequena escala e de baixo custo em espaços públicos, mas como toda uma gama de empoderamento do que é micro: microagricultura, microinfraestrutura, microeconomias de bairro, microempresas, microecologia urbana, micropátios (muitos em encostas) e até micromobilidade. Mesmo os orçamentos, idealmente, são descentralizados por meio, por exemplo, de um “Bônus Básico de Vizinhança”. A comunidade busca o desenvolvimento endó-

geno, um grau mínimo de autonomia, por meio de propostas que permitam uma multiplicação incremental das melhorias viáveis, implantadas ao longo do tempo. Também é interessante notar que diversas intervenções espaciais foram acompanhadas por aplicativos, criando uma espécie de comunidade inteligente, alinhada a partir de necessidades complementares (economia doméstica-consumidor), a possibilidade de ativação de espaços públicos a partir da gestão de automóveis e a criação de bancos e moedas comunitários. Os espaços comuns são ativados por meio de redes e sociedades digitais. Alguns projetos se concen-

traram em gerações específicas, com atenção especial às crianças e adultos mais velhos, cujas necessidades são particulares no contexto de uma pandemia. No extremo oposto das mil formas do micro, me chamou atenção um brilhante projeto em escala continental que se propõe a ativar, como a mais longa ciclovias da América do Sul, uma infraestrutura ferroviária em desuso. São esses projetos de visão geográfica que nos permitem, a olho nu, contemplar, unidos e fortalecidos, alianças que superam qualquer lacuna ideológica ou cultural, em busca de um projeto pendente: o grande espaço comum latino-americano.

ANA MARÍA DURÁN CALISTO*

Arquiteta, planejadora urbano-ambiental, pesquisadora e escritora equatoriana. É doutoranda no Departamento de Planejamento Urbano da UCLA, com tese sobre a História da Urbanização na Bacia Amazônica. Formou no Programa de Mestrado em Arquitetura da Universidade da Pensilvânia, com certificação em Preservação Histórica. Em 2002, foi cofundadora do Estudio A0, escritório vencedor de diversos prêmios nacionais e internacionais, e seus trabalhos foram publicados na América Latina, América do Norte, Europa e Ásia. Coeditou os livros *Beyond Petropolis: "Designing a Practical Utopia in Nueva Loja"* e *"Urbanismo Ecológico en América Latina"*. Foi professora na Pontifícia Universidade Católica do Equador e professora visitante nas Universidades de Michigan, Harvard e Columbia.

5. Propostas premiadas

Sete Menções Honrosas

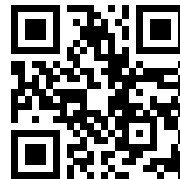
01

RESPIRAR. PEQUENA FÁBRICA DE DISPOSITIVOS PARA MELHORAR A SAÚDE DAS HABITAÇÕES EM ASSENTAMENTOS INFORMAIS (BRASIL)

Categoria: Assentamentos informais
Representante: Mariana Ribeiro Pardo

O projeto *RespiraLar* propõe um espaço de articulação, mobilização e produção de dispositivos construtivos que melhorem a salubridade das residências e seus entornos em assentamentos informais. Sabe-se que a falta de ventilação e insolação nas residências é um dos principais problemas de saúde pública nos territórios populares, intensificando a contaminação pela COVID-19. Neste sentido, a proposta prevê, com base em um processo de mobilização comunitária, a implementação de uma pequena fábrica para a produção comunitária e autônoma de equipamentos que proporcionem ventilação e iluminação nas moradias locais.

Para esta proposta, foi tomado como contexto o o bairro Saussureana, em Salvador, Bahia, Brasil, que, como outros assentamentos informais, apresenta alta densidade e um processo de verticalização constante, com proximidade entre casas e espaços minúsculos, apresentando saúde e desconforto, relacionados com problemas térmicos, de ventilação e/ou iluminação.



BAIXAR PROPOSTA COMPLETA



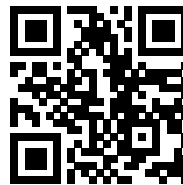
02

INFRAESTRUTURAS PARA A ÁGUA. ESTRATÉGIAS PARA A BOA GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS (COLÔMBIA)

Categoria: Espaços públicos
Representante: Juan Pablo Zuleta Álvarez

Infraestruturas para a água se constitui de um conjunto de dispositivos em diferentes escalas, que têm em comum a função de tornar a água potável de forma visível a partir das suas diferentes áreas de impacto. O objetivo é reconhecer e recuperar o valor cultural, patrimonial e político da água nas comunidades onde estão inseridas; pois não só a sobrevivência humana depende deste recurso, mas também de todos os ecossistemas do planeta. Sem dúvida, o efeito da COVID-19 destacou o valor da água como elemento central do desenvolvimento sustentável e salientou que trata-se de um recurso escasso em termos de acessibilidade para grande parte da população mundial.

Por ser um modelo que possui um conjunto de dispositivos que vão desde projetos de mobiliário urbano a projetos de escala urbana, sua implantação é possível em função das necessidades e possibilidades, desde um pequeno porte até a integração de múltiplos dispositivos para a criação de circuitos de água que apoiem a gestão hídrica nas cidades.



BAIXAR PROPOSTA COMPLETA

Dispositivo A. Filtros de água como mobiliário urbano
Tratamiento de agua a pequeña escala
Herramienta de divulgación para reciclaje y tratamiento del agua



Dispositivo B. Filtros de agua + pisos filtrantes
Estrategia para reconversión de suelos duros a pastos y lagunas
Planteamiento de sistemas de depuración y tratamiento del agua



Dispositivo C. Filtros de agua como infraestructura
Tratamiento de agua a gran escala
Herramienta de divulgación para reciclaje y tratamiento del agua



Integración de dispositivos. Filtros de agua como mobiliario urbano + pisos filtrantes + filtros de agua como infraestructura = Espacios públicos para ciudades sostenibles



Catálogo vegetal
Especies vegetales para el proyecto en relación a las lagunas, humedales y jardines de agua.

NOMBRE COMÚN	
	ENZOLETE Chape ventriculatum
	HELICONIA Heliconia
	PIRIBO Cyperus papyrus
	AVE DEL PARAÍSO Eichhornia crassipes

03

THE 2021 AIR QUALITY TOOLKIT (EQUADOR)

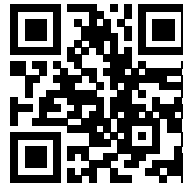
Categoria: Espaços públicos
Representante: José de la Torre

Com as restrições relacionadas à COVID-19, muitas ruas tiveram de ser transformadas drasticamente para oferecer um espaço mais adequado para o tráfego de pedestres e veículos não motorizados como alternativa ao transporte público de massa. Neste contexto, a equipe propôs o desenho de um conjunto de dispositivos (kit) inovadores, que, juntos, podem atuar tanto como mobiliário urbano para monitoramento da qualidade do ar, quanto transformar-se em área de trabalho para associações ou grupos de moradores.

as mudanças nas ruas tiveram na poluição do ar no contexto da pandemia. Cada kit também pode se tornar o ponto focal de um processo de design participativo, em que residentes locais e profissionais urbanos discutem, constroem e testam mudanças que melhorariam a qualidade do ar local. O processo é viabilizado por uma plataforma digital para rastrear, financiar e compartilhar as intervenções criadas.

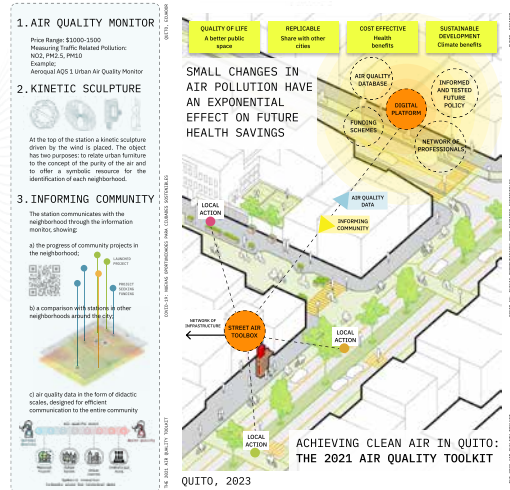
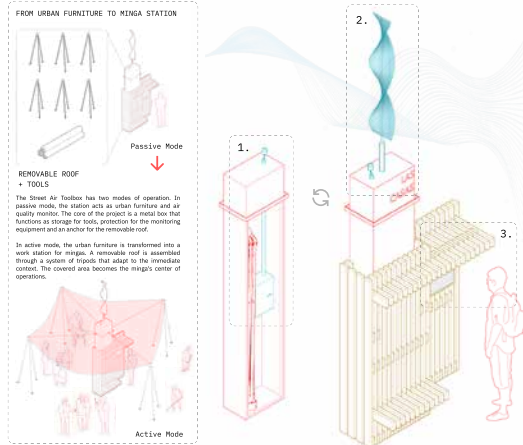
24

O KIT contém todas as ferramentas de “teste” das transformações das ruas e da poluição, além da COVID-19. Em cada uma delas está integrado um sensor de qualidade do ar, que gera um retrato detalhado dos benefícios que



BAIXAR PROPOSTA COMPLETA

THE 2021 AIR QUALITY TOOLKIT URBAN FURNITURE FOR LOCAL ACTION ON AIR QUALITY



04

CENTRO COMUNITÁRIO MÓVEL: ESPAÇOS DE INFRAESTRUTURA PARA MEMÓRIA, PEDAGOGIA E EMPREENDEDORISMO (COLÔMBIA)

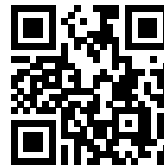
Categoria: Espaços de uso coletivo

Representante: Sebastián Trujillo

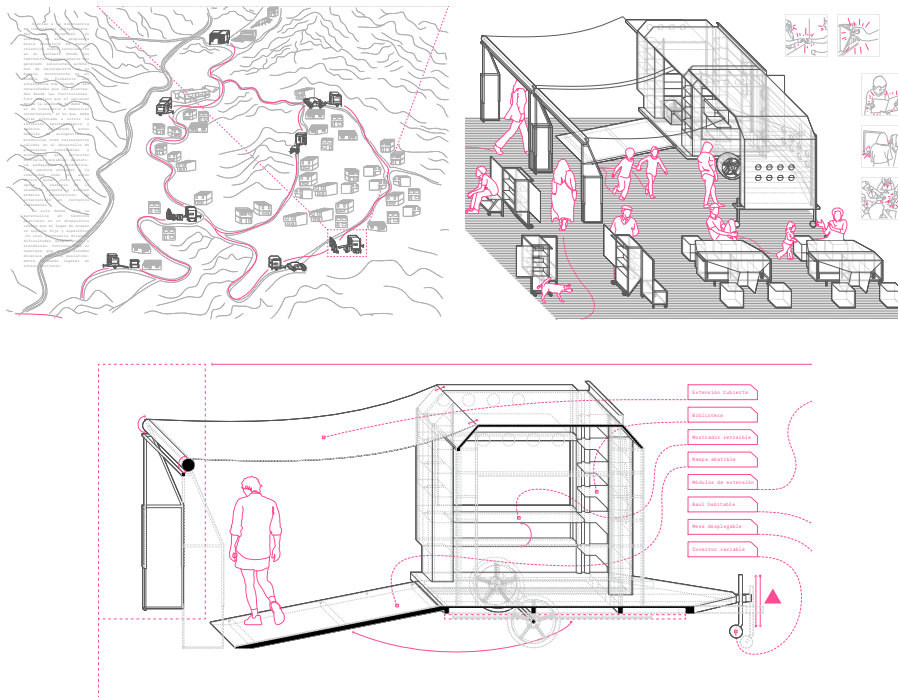
O projeto propõe um centro comunitário móvel (CCM) como dispositivo público transportável e como espaço de interação aberta. O CCM funciona como uma unidade de empreendedorismo, um espaço pedagógico e de reunião comunitário auto-organizado e itinerante, percorrendo trajetos programados em diferentes espaços de oportunidade. A princípio, foi pensado para ser implantado no bairro Manantial, localizado na zona sul da cidade de Bogotá. Porém, devido às suas características, a ideia poderia ser replicada para outros bairros e cidades da região.

O objetivo do CCM é atender às necessidades urgentes de infraestrutura no espaço público,

enquanto se trabalha com consumos mínimos de material. O projeto busca reativar a vida pública sob novas condições de biossegurança, que revigoram os laços comunitários. Da mesma forma, busca estabelecer um ponto de troca e comercialização de produtos locais e microeconomias emergentes (como o ecoturismo) para fortalecer o empreendedorismo e reduzir a pegada de carbono.



BAIXAR
PROPOSTA
COMPLETA



05

REDE DE INTERVENÇÕES EM ESPAÇOS EM ENCOSTAS (PERU)

Categoria: Assentamentos informais

Representante: Johaira Córdova

Como base conceitual, a proposta parte da utilização de espaços que, apesar de considerados “ociosos” ou “de transição” pelo urbanismo formal, têm fortalecido o sentido de identidade local e de pertencimento ao *habitat* popular, principalmente de crianças. Nos assentamentos da cidade de Lima, pelo menos três tipos de espaços foram identificados sob este critério: mirantes, escadas e espaços residuais inclinados. A partir deles, a *Rede de Intervenções em Espaços Públicos em Encosta* desenvolve três novos tipos de espaços públicos que buscam gerar dinâmicas de jogo livre e espontâneo que incluem medidas de distanciamento: (1) Espaços para ver e ser visto, (2) Espaços gradientes e (3) Espaços sinestésicos.

A flexibilidade na utilização dos materiais e no design, faz com que o protótipo se adapte às diferentes topografias e às diferentes neces-

sidades pós-pandêmicas, estão concebidos de forma modular, tornando mais eficiente a transferência e a execução das propostas. Os protótipos e as implementações devem ser desenvolvidos durante o surto COVID-19 e no PÓS-COVID-19, pois as áreas onde os protótipos estarão localizados são as mais vulneráveis de Lima, que, com ou sem COVID-19, apresentam déficit no desenvolvimento de espaços públicos e mobiliário urbano. Para facilitar a implementação, foi projetado de forma que as peças sejam pré-fabricadas e montadas no local.

26

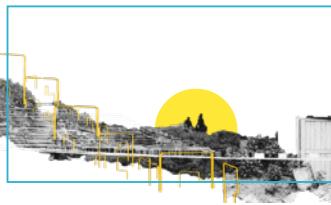


BAIXAR PROPOSTA COMPLETA

(1) Espaços para ver e ser visto



(2) Espaços gradientes



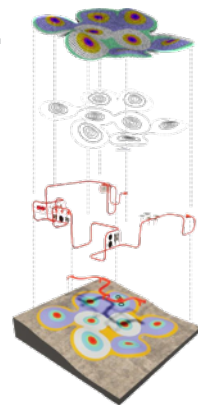
05
Diseño de colores para el piso.
Con probetas insertadas en el suelo que sirven de letreros para el diseño de piso.

04
Diseño lineal

03
Juegos adicionales

02
Juego principal

01
Terreno de Lomas (Diseño del suelo que permite permitir el distanciamiento)



06

PARQUE SINTRÓPICO (BRASIL)

Categoria: Espaços de uso coletivo

Representante: Yan Kaue da Silva

O *Parque Sintrópico* funciona em grande escala. É um conjunto de transformações no território que se manifesta no sentido de reordenar o crescimento urbano descontrolado nas pequenas cidades do sul do Brasil. Com o Parque – e com a metodologia que o acompanha – pensa-se em uma reestruturação das paisagens degradadas devido à produção agrícola –intensiva e homogeneizante – no noroeste gaúcho.

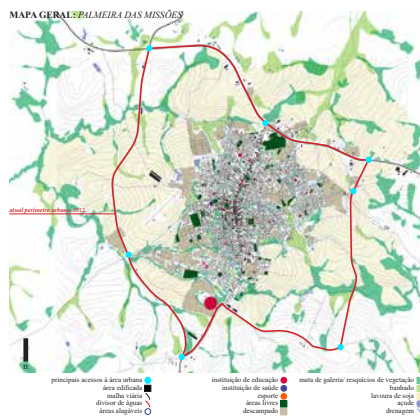
O modelo sintrópico – ou agroflorestal – propõe a regeneração do solo e da paisagem a partir de diversos processos agrícolas e micro-processos que promovem a proteção ambiental compatível com o uso do espaço periurbano (florestas ricas e produtivas), mantendo uma

relação bilateral mais fluida com a área urbana, ou seja, instalar sistemas de infraestrutura ligados à cidade para promover o intercâmbio e a produtividade, valorizar as populações vulneráveis, vender alimentos de qualidade, promover o empreendedorismo e permitir o uso organizado e coletivo do solo nos mais diversos usos.



BAIXAR
PROPOSTA
COMPLETA

Município de Palmeira das Missões e ambiente ecológico (Mapa atual do estado)



Proposta do Parque Sintrópico para o ambiente do Município de Palmeira das Missões



07

CIDADE INTERMODAL (PERU)

Categoria: Mobilidade não motorizada
Representante: Vanesa Olazabal

Lima, como muitas cidades de países em desenvolvimento, é centralizada, transbordando para as periferias, fazendo com que sejam necessárias viagens de longa distância, de forma não contínua, já que não há sistema de transporte integrado. A proposta busca tornar a cidade mais justa por meio da mobilidade sustentável, que dê aos cidadãos a oportunidade de deslocarem-se por meios saudáveis e que, por sua vez, aproveite as centralidades na escala local para promover espaços abertos de encontro.

aberto, interligado ao transporte público de massa existente. Esses equipamentos híbridos se propõem a atender às principais necessidades do público ciclista urbano, como segurança, pontos de estacionamento y facilidad de acceso; disposición de estacionamientos de bicicleta de larga duración. Da mesma forma, propõe-se eliminar o uso de bilhete ou cartão, com todos os acessos liberados via aplicativo.

Propõe-se a criação de uma rede de equipamentos urbanos híbridos, que permita ao usuário percorrer curtas distâncias de bicicleta entre os pontos de maior demanda por transporte coletivo, uma mistura de estacionamento coberto para bicicletas e um centro cívico



BAIXAR PROPOSTA COMPLETA

CIUDAD INTERMODAL

PROPUESTA | BICIESTACIONAMIENTOS.

MODELO DE BICIESTACIONAMIENTO

- Ubicación estratégica.
- Anejo a estaciones de transporte público.
- Estacionamiento de larga estancia.
- Espacio seguro y vigilado.

Habilitación del techo como espacio público.

Optimización del espacio. Almacenamiento de bicicletas verticalmente reduce el uso del espacio en un 40%.

Escaleras.
Techo-Espacio Público.
Bicicletas estacionadas.

BICIESTACIONAMIENTO CENTRO CÍVICO

RED DE INTEGRACIÓN DE BICICLETAS AL TRANSPORTE PÚBLICO

Se propone un sistema de movilidad alternativa que colecte el usuario hacia los puntos nodales de alta demanda de transporte, a través del uso de su bicicleta personal brindándole la facilidad de usar biciestacionamientos públicos. Tras el uso del sistema masivo de transporte, el usuario podrá rentar bicicletas públicas para continuar su camino a través de la red de paraderos de bicicleta.

© 2020 EQUIPO VANESA OLAZABAL | ARQUITECTOS TAYLOR SOLÍS

CIUDAD

PERÚ: VANESA OLAZABAL, 2020. INICIATIVA DE PROYECTO SOBRE CARRETERA DE CALIDAD A LIMA, PERÚ. FINANCIADO POR EL GOBIERNO DE PERÚ Y EL GOBIERNO DE LOS ESTADOS UNIDOS DE AMÉRICA. EL DISEÑO DE ESTE DOCUMENTO FUE DESARROLLADO POR EL EQUIPO DE DISEÑO DE VANESA OLAZABAL Y TAYLOR SOLÍS. EL DISEÑO DE ESTE DOCUMENTO FUE DESARROLLADO POR EL EQUIPO DE DISEÑO DE VANESA OLAZABAL Y TAYLOR SOLÍS.

Os três primeiros colocados do concurso

3º COLOCADO. ÁGUA! (BRASIL)

Categoria: Espaços públicos
Representante: Mateus Henrique Hillebrand



ASSISTIR
AOS VÍDEOS
EXPLICATIVOS

De acordo com a UNICEF, cerca de 3 bilhões de pessoas em todo o mundo não dispõem de acesso a instalações básicas de higiene e saneamento. A falta de acesso à água é um problema atual que se intensificou com a pandemia. Embora saibamos tratar-se de um problema crônico que merece uma solução estruturada e definitiva, no contexto atual da COVID-19 torna-se uma questão urgente. A proposta apresenta uma sugestão de escala pontual para colaborar com sua solução.

ÁGUA! É uma estratégia tática, consistindo em um mobiliário urbano multifuncional que facilita a captação da água da chuva e disponibilização aos cidadãos, por meio de locais de lavanderia (importante para mitigar os riscos da COVID-19). Por sua vez, esse mobiliário permite a instalação de outros dispositivos importantes para melhorar questões urgentes em assentamentos informais. Permite a colocação de alto-falantes tanto para manter o bairro informado, quanto para melhorar a iluminação em espaços públicos, por

meio de luminárias, painéis solares e pode ser um ponto de acesso a WI-FI, ao incorporar antenas de transmissão de internet.

Além de suas múltiplas funções, sua verticalidade o torna um elemento simbólico que, como um marco, aponta a falta de atendimento público nos locais onde está instalado, o que é especialmente importante em populações de maior vulnerabilidade socioeconômica. Sua implantação fixa o território, mesmo que não apareça nos mapas formais da cidade. É um grito de atenção, uma exclamação na paisagem: nós existimos!

A madeira foi o material escolhido por estar muito presente nas construções informais, para qual há farta mão de obra nas comunidades. A base em alvenaria permite sua estabilidade em diferentes terrenos. Todo o sistema foi projetado com a possibilidade de ser financiado de forma independente, a um custo relativamente baixo e com elementos fáceis de instalar e encontrar comercialmente.

ÁGUA!

A principal medida para o combate à pandemia do coronavírus - a higienização das mãos - é tristemente inacessível para muitos. Em todo o mundo, estima-se que 5 bilhões de pessoas não possuem instalações básicas para a higienização das mãos, segundo a UNICEF. No Brasil essa é apenas uma das diversas falhas de assistência do Estado a boa parte da população que vive em áreas irregulares no país, uma realidade que é consequência de uma série de desigualdades socioeconômicas. Este é um problema crítico que merece uma solução estruturada e definitiva, mas no atual contexto se torna uma questão urgente e por isso propomos uma alternativa para que seja ao menos parcialmente solucionada.

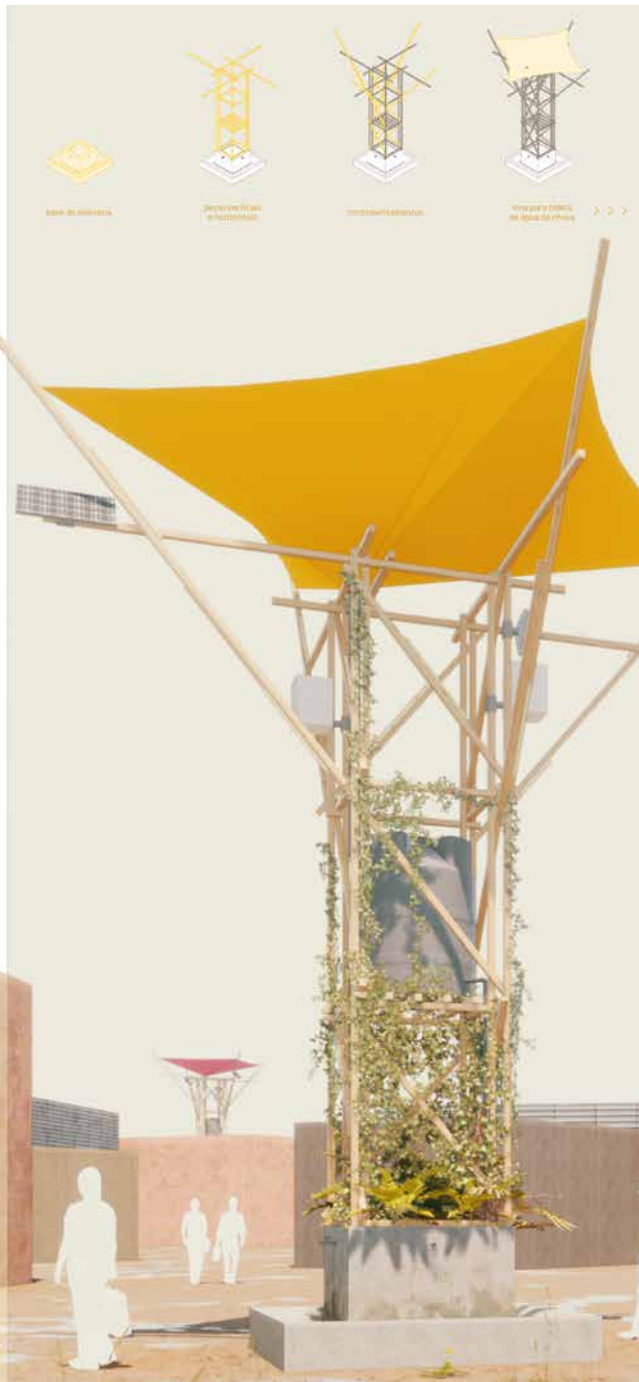
ÁGUA! é uma estrutura funcional e simbólica. Sua verticalidade é vital para a captação da água da chuva que acontece no seu topo, mas a torna também um marco que sinaliza a falta de assistência pública nos locais onde está instalada. ÁGUA! chama atenção para o problema ao mesmo tempo que o soluciona, sinal que predominantemente. Sua implantação alinha o território, mesmo que ele não apareça nos mapas formais das cidades. É um ponto de referência para quem não tem endereço, uma demarcação de lugar, um grito por atenção.

ÁGUA! foi pensada para ser aplicada em locais sem acesso à rede pública de abastecimento de água, sendo munida de um coletor de lona para recolher a água da chuva e uma cisterna com filtro, podendo operar de maneira autossuficiente - ato onde permite suas limitações. A madeira foi o material escolhido para a estrutura pela facilidade de acesso e manuseio, podendo ser montada pela comunidade. Este é um material muito presente nas construções informais e a mão de obra é fácil de ser encontrada entre os moradores. A base quadrada de alvenaria permite sua estabilidade em diversos terrenos e dá suporte para o uso da água coletada, evitando que empoeque no terreno.

A função central da torre é o fornecimento de água filtrada para higienização, mas sua estrutura vazada se propõe a agregar elementos que complementem outras falhas que também impactam na saúde e bem estar da comunidade como iluminação, comunicação, vegetação e acesso à internet. A proposta contempla o suprimento de energia elétrica por meio de painéis fotovoltaicos que devem ser voltados para a melhor orientação solar.

O sistema todo foi pensado para a possibilidade de ser financiado de forma independente, a um custo relativamente baixo e com elementos fáceis de serem encontrados comercialmente. Apesar do foco inicial serem comunidades e assentamentos sem acesso à água, a torre também pode ser instalada em espaços públicos para atender pessoas em situação de rua nos centros urbanos.

A gravidade do cenário é interpretada arquitetonicamente como exclamações na paisagem: eu existo!



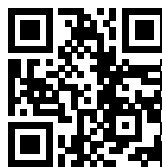
Comentário do júri:

“O projeto é baseado na participação da comunidade na construção do dispositivo projetado e contempla as dimensões estética, ambiental e coletiva, criando, assim, uma proposta bem definida e delimitada, com alto grau de viabilidade técnica, impacto e sustentabilidade”.

Andrés Borthagaray

20 COLOCADO. ERES (URUGUAI)

Categoria: Espaços públicos
Representante: Matias Gatti González



ASSISTIR
AOS VÍDEOS
EXPLICATIVOS

Um dos aspectos mais notórios da pandemia tem sido o aumento do fosso entre as classes sociais, acentuando ainda mais as diferenças no acesso dos cidadãos às instalações da cidade. Em contraste àqueles que mora em casas com

jardins ou que podem usar seus carros particulares para ir para uma segunda residência, a grande maioria da população viu sua qualidade de vida deteriorar drasticamente.



O ERES é uma experiência piloto para a qualificação de trechos de via secundária em zonas vulneráveis da cidade, que visa a recuperar a dimensão de habitabilidade do espaço público como espaço de extensão de habitações e não como função secundária à circulação de veículos particulares. Seu objetivo é atender a uma demanda histórica que se tornou ainda mais significativa com a pandemia: a falta de espaços públicos e de recreação em muitas cidades latino-americanas, como Montevideú.

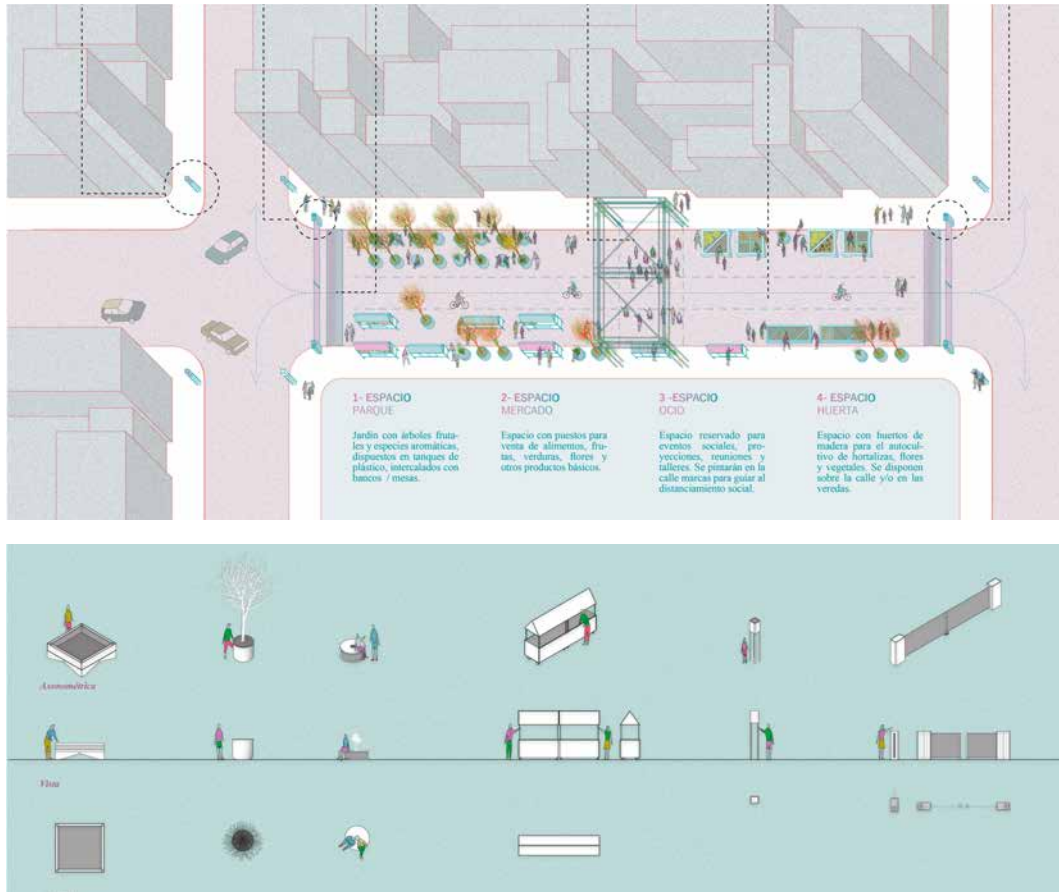
Não se propõe uma transformação radical da cidade, mas, sim, que atue como mediadora

entre os moradores e seu contexto ambiental, por meio da instalação de quatro categorias de espaços produtivos-recreativos: (1) Espaço Parque, (2) Espaço Horta, (3) Espaço Mercado e (4) Espaço Lazer. As intervenções são realizadas no âmbito de experiências de governo local participativo e todo o processo é acompanhado por um aplicativo móvel para mapear, propor e localizar intervenções em toda a cidade. Embora seja proposto, inicialmente, como uma resposta à crise sanitária e social provocada pela pandemia, contempla-se a possibilidade de manter as atividades ativas nos espaços intervenionados.

O fundamental é aproveitar a rua para gerar resiliência diante de outras crises, a partir de uma melhor condição urbana, amenizando a situação em milhares de domicílios, formados por pessoas que não podem teletrabalhar ou manter

o distanciamento social, gerando espaços verdes com instalações coletivas, evitando viagens longas de lazer ou recreação e fortalecendo as comunidades com participação democrática e acesso à informação.

32



Comentário do júri:

“A proposta desloca a usual centralidade da praça e do parque para reconhecer a rua como primeiro espaço público e como extensão das moradias populares. É justamente no potencial de criação de um tecido comunitário e de espaços de convivência e troca produtiva que o projeto propõe uma futura imagem das ruas voltada para o uso de moradores e não de veículos motorizados”.

Lorena Ruiz

1º COLOCADO. BAIROS QUE CUIDAM EQUIPAMENTO PRODUTIVO COMO CATALISADOR URBANO (PERU)

Categoria: Assentamentos informais

Representante: Paula Villar Pastor



ASSISTIR
AOS VÍDEOS
EXPLICATIVOS

Na popular cidade de Lima, as mulheres, historicamente, fizeram contribuições importantes para o cuidado da vizinhança, por meio das painéis comunitárias e dos refeitórios populares. Hoje, devido a uma forte crise de saúde e econômica, que se acentuou na periferia, as mulheres novamente assumiram um papel fundamental. Partindo das painéis comunitárias como resposta emergencial, propõe-se uma visão de longo prazo que as transforme em equipamentos produtivos, com que as mulheres também podem aprender e exercitar ofícios. Esses novos espaços catalisadores, e seu entorno, apontam para um bairro que cuida, mais vivo, acessível e inclusivo.

A nova convivência exige uma cidade que coloque a vida no centro, que cuide e permita o cuidado, a partir de uma visão integral. Propõe-se que os equipamentos produtivos tenham um programa de refeitório popular aberto à rua e um espaço/oficina para ofícios, que variará de acordo com cada bairro. Por sua vez, o ambiente será gradualmente transformado com intervenções estratégicas no espaço público

A COVID-19 mostrou a necessidade de uma mudança geracional nos refeitórios. Por meio de treinamento e da estabilidade no emprego, mulheres jovens assumirão esse papel. Por outro

lado, moradias precárias nos bairros forçam as pessoas a estarem longe de casa. Portanto, um bom espaço público, amplo e para todas as pessoas, significa saúde e prevenção do contágio.

A pandemia mostrou, mais uma vez, que o cuidado é essencial. O projeto é uma resposta física e social: oferece uma alternativa baseada na organização comunitária com infraestrutura adequada para garantir a segurança alimentar dos bairros; amplia o papel das mulheres como agentes de recuperação em suas comunidades, proporcionando-lhes oportunidades de emprego e uma presença na esfera pública; e convida, mais uma vez, a usar o espaço público com segurança por todos os membros da comunidade.

Os projetos serão trabalhados por meio de um processo de gestão cooperativa entre o município, o Comitê Anti-Covid, organizações de bairro, vizinhos e profissionais. Em uma primeira fase, a equipe técnica composta por arquitetos e sociólogos realizará workshops com a comunidade, concepção e desenvolvimento de planos. Posteriormente, os equipamentos serão construídos entre professores do bairro e oficinas de artesanato e meio ambiente, por meio de gestão municipal e jornadas comunitárias. O principal recurso será a coordenação.

Comentário do júri:

“O objetivo do projeto é garantir a retribuição econômica das mulheres que historicamente alimentaram o bairro com seu trabalho voluntário nas painéis comunitárias. Inclui também a necessidade de criar espaços de formação e exercício de ofícios, tornando-se um articulador de saberes, vínculos e possibilidades produtivas e comunitárias que podem ser gerados no território. É um projeto abrangente e muito bem realizado, tanto do ponto de vista social quanto de concepção. É replicável, adaptável, escalável e viável”.

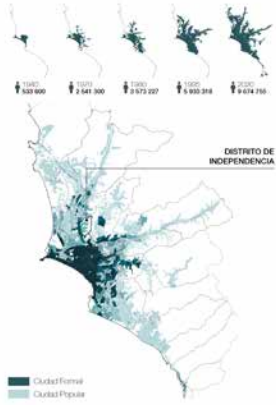
Ana María Durán Calisto

LIMA. PERÚ

Barrios que cuidan

El proceso de crecimiento social y urbano de Lima comenzó en la creación de una ciudad popular que hoy en día abarca alrededor del 27% de la ciudad. En esta parte, además de habitar y trabajar se va construyendo progresivamente con el paso de los años. Una ciudad en constante construcción donde las mujeres tradicionalmente han tenido acciones importantes de cuidado tanto que han desarrollado formas de vitalización.

En la actualidad, debido a la fuerte crisis sanitaria y económica, se en su vida cotidiana en las zonas de la periferia de Lima, las mujeres tradicionales han asumido un rol fundamental. Para esta nueva realidad, las acciones importantes de tener una ciudad que ponga la vida en el centro, que cuida y genera los espacios. Y para ello, resulta esencial validar, poner en valor y potenciar el trabajo de las mujeres de los barrios.



<1950s INVASIONES | PERIFERIA LIMA

Se producen fuertes migraciones de la sierra, estas y zonas rurales para poder tener mejor seguridad y oportunidades.

1970s OLLAS COMUNES | CLUBES DE MADRES

Estos espacios liderados por mujeres surgen de manera espontánea en un contexto de fuertes crisis económicas y alimentaria en barrios populares de Lima.

1980s COMEDORES POPULARES

Las mujeres aburren un rol público en los barrios populares. Realizan acciones del Estado de Olla y de la Iglesia en infraestructura, acceso a servicios.

1988 | 1961 Comedores

FALTA DE APOYO

El modelo autogestionario de atención social con menús a bajo costo está basado en la solidaridad y el trabajo no remunerado de las mujeres. Esta falta, más la falta de apoyo estatal, provoca que no haya cambios generacionales.

1992 QUIEBRE

El grupo feminista 'Derechos Unificados' genera a 11 mujeres dirigentes de organizaciones populares. Entre ellas destaca el caso de María Elena Mujica. Este grupo produce 'desobediencia y resistencia', lo cual posibilita cambios a los comedores por años.

1991 | 8142 Comedores

El Fujimorismo provoca la creación del mayor número de comedores.

1989 | 2668 Comedores

PRESENCIA POLÍTICA

Las mujeres de los comedores asumen un papel de liderazgo al participar en la toma de decisión de sus barrios y coordinando con Olla y el Estado, reclamando por sus derechos y la mejora de los barrios.

2011 | 3654 Comedores

RECORRIDO HISTÓRICO COMEDORES POPULARES EN LIMA

2017 COMEDOR SAN MARTIN

Como proyecto referente, las asociaciones CIVICOCOC con apoyo de la cooperación internacional, realizan la rehabilitación del Comedor San Martín del Oso en La Barranca, Comas, transformándolo en un Centro Cultural Comedor para el barrio.

2020 COVID-19

La crisis sanitaria mundial impacta profundamente en la economía de las familias peruanas.

- Sistema Sanitario Frágil "Miedo al contagio"
- Marzo 2020 Cuarentena "Quedarse en casa"
- 2.3 millones de desempleados Crisis económica
- Cierre de comedores "Nada en los hogares"

OLLAS COMUNES

Para garantizar la seguridad alimentaria en los barrios, se exigen de manera regularizada, que protejan las ollas comunes lideradas por mujeres quienes que se hacen quedado en sus barrios.

- Mujeres Jóvenes
- 150 millones de personas
- 15 millones de personas
- No hay registro del nº de ollas
- 15 millones de personas
- No hay registro del nº de ollas

34



BAIXAR IMAGEM 1 AQUI

INDEPENDENCIA

Memoria colectiva

Fruto de la memoria de organización barrial de este distrito popular, surge durante la Primavera el Comité Anticovid 19, que está formado por docentes, abuelos y abuelas, activistas del barrio. Este comité ha asumido un rol esencial en una etapa de recuperación en su trabajo como puente entre el Municipio, instituciones y las organizaciones vecinales. Entre ellas, destacan las ollas comunes lideradas por mujeres jóvenes y los comedores populares que día a día trabajan en acciones de apoyo estético, por garantizar la seguridad alimentaria de las familias en los barrios.

Resulta necesario promover dichas acciones y visibilizar el rol de esta comisión -comité-, presente en todos los distritos de la periferia de Lima, en un escenario de crisis donde las mujeres, además de brindar apoyo sanitario al estado, también generan y ejecutan acciones y así, construirse empoderadas, cívicas de género establecidas.

DATOS GENERALES SOBRE EL DISTRITO

- Año de Fundación: 1960
- Población: 223 085 habitantes
- m² área verde por habitante: - 2.73
- Cantidad de Comedores Populares: - 196
- Cantidad de Ollas Comunes: - 60



DE LO TEMPORAL A LO TRANSFORMADOR

- Olla Común**
Respuesta de la emergencia. Que individual no funciona. La afirmación en un ambiente no volátil.
- Comedor Popular**
Respuesta de la recuperación. Se genera el espacio. El trabajo se realiza en un equipamiento volátil.
- Comedor Productivo Barrial**
Requiere de la transformación. Se genera y promueve el papel de la mujer en el espacio barrial. Promoción y capacitación en acciones de generación de ingresos.

COMITÉ COMITÉ ANTI-COVID 19 INDEPENDENCIA

Atención con el municipio y el Estado. Organización de acciones de apoyo estético y de seguridad alimentaria.

Marzo 2020
Se distribuye el kit casa de Covid-19 en Lima.

Julio 2020
Conformación del Comité Anticovid-19

El espacio barrial se usa al proceso de trabajo estético.

Realización de acciones comunitarias de manera virtual y territorialmente.

MAPA DE ACTORES

El Comité anticovid funciona como puente entre los Comités de Salud, Municipalidad y los Actores de los barrios y organizaciones barriales en Independencia. El proyecto se propone en los barrios de manera organizada y voluntaria.



BAIXAR IMAGEM 2 AQUI

PROYECTOS PILOTO

Equipamientos productivos como catalizadores urbanos

En los Comedores Populares actuales en Lima, el Covid-19 ha evidenciado la necesidad de un nuevo posicionamiento, ya que los actuales lugares son cobijados solamente. En el resto de las áreas comunes, están con mejores planes, sin embargo se encuentran fragmentados con un nivel de prioridad y no disponen de tanta experiencia en este campo.

El Programa Comedores Productivos Bankos busca, a través de la capacitación y la generación de ingresos, mejorar planes actuales y nuevos espacios en los Comedores, acompañados por los gobiernos locales. Estos nuevos planes además suelen acompañados de sus hogares pequeños, por lo que el espacio también debe contemplar este hecho.

Por otro lado, las viviendas precarias en los barrios, funcionan a las personas a toda hora de todo. Por ello, un buen espacio público, amplio y para todos los contextos, agrícola salud y prevención en los contagios.

Trabaja de manera articulada con todos. Los proyectos se construyen a través de un proceso de gestión consensuada entre distintas instituciones y organizaciones. Por lo tanto, conforme se va avanzando el trabajo, más aliados se van sumando a este proceso de co-participación.

Como proyectos piloto, se eligieron lugares con niveles de consolidación distintos en el mismo eje zonal de Típic Amanu.

VICTOR RAUL HAYA DE LA TORRE
(Barrio consolidado en zona plana)



DATOS ACTUALIDAD
Se seleccionó una zona plana, ya que el Comedor de Víctor Raúl Haya de la Torre y el Comedor de Señor de los Milagros están en zonas con mejores planes y no disponen de tanta experiencia en este campo.

ELEMENTOS COMUNES
Todos ellos son lugares de acceso común, con un espacio público, amplio y para todos los contextos. El lugar que incluye al Comedor no es un espacio público, sino que se requiere de un espacio que cubra al Comedor y el resto de las zonas habitadas (hogares) que no son accesibles. Hay un fuerte énfasis de cambio en la relación física y programática al lugar donde el hábitat de cohabitación.

PROGRAMA COMEDORES PRODUCTIVOS BARRIALES



Dada una zona urbana, el equipamiento se convierte en un catalizador. Aquí se debe el barrio comunitario a transformarse colectivamente hacia un barrio más cálido, más accesible e inclusivo para todos los perfiles.



Las tablas de picnic, que están en función de cada barrio, generan diferentes niveles de acceso al espacio público. De esta manera se genera un nuevo espacio del Comedor y su sostenibilidad a largo plazo.



El Comedor tiene un uso más completo de equipación y administración. Además y seguro, el espacio también se convierte de nuevo hacia un barrio de los barrios, donde el Comedor y su entorno mejoran el espacio.



La idea de tanto que cada mucho que sea el espacio público para todos los contextos de barrio. Este proyecto busca promover programas de gestión de gobierno, que permitan a mejorar. Finalmente, mostrará en una comunidad.

METODOLOGÍA



MODELO DE GESTIÓN



BAIXAR IMAGEM 3 AQUI

VÍCTOR RAÚL HAYA DE LA TORRE

Visión urbana

Se eligió el barrio de Víctor Raúl Haya de la Torre en la zona consolidada por su historia de organización vecinal. Los edificios son fundados con alta experiencia de trabajo comunitario. Sin embargo, el barrio de un lugar más consolidado, mejor manejo institucional y legitimación social. Por ello y basándose en estos, pero no se ven. Estas se ven un lado del otro a pesar de que las prioridades urbanísticas del Comedor Popular son los sectores de las partes altas, que se encuentran en mayor grado de vulnerabilidad.

Resulta fundamental trabajar la integración física física como espacio desde una perspectiva. En una zona, el Comedor productivo y su entorno inmediato, ubicado en el corazón del barrio, se transforman en un catalizador del mismo, sirviendo de espacio integrador para todos los vecinales independientemente de donde estén. Del mismo modo, se trabajan las conexiones entre el estado de equipamiento importante del barrio, con vías que incluyan la movilidad sostenible. Todo ello con una mirada integral de barrio que queda.

DATOS GENERALES SOBRE EL BARRIO

Año de Fundación: 1978 - Invasión
Dirigentes: Hombres | 41-46 años | 85% de viviendas | 2-3 pisos
Población: ~10.000 hab. | Servicios básicos cubiertos
Niños y adolescentes: 40% | Conexión con autobuses

Barrios colindantes:
Barrio Lince, Barrio Los Leones, Villa Chirca, Villa Primavera, San Isidro, Santa Fe, Santa Liza, Quilmes, San Martín, Comedor Miraflores, Comedor Miraflores, Inst. Educativa, Mercado, Casa departamental, Vías Importantes.



Visualizar equipamientos y espacios potencialmente de intervención.
Conectar la parte alta con la baja.
Equipamiento + Espacio Público

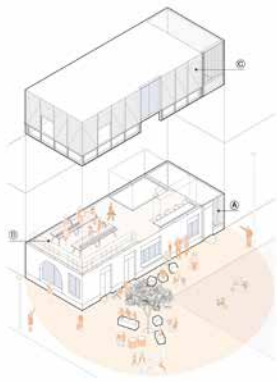


BAIXAR IMAGEM 4 AQUI

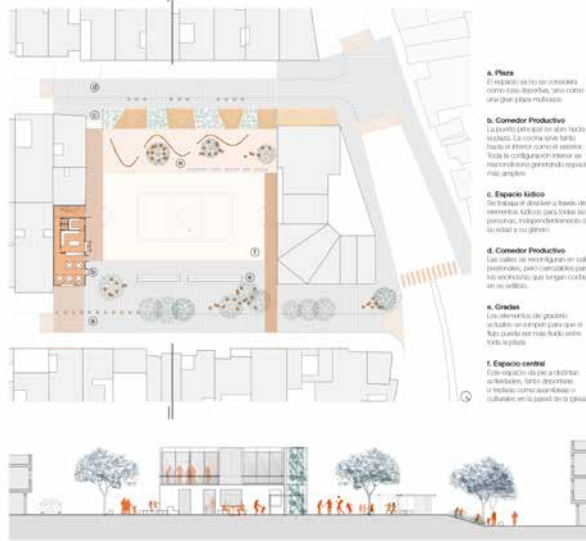
VÍCTOR RAÚL HAYA DE LA TORRE Proyecto

En la actualidad, este lugar es conocido como Casa San Vicente de Paul, debido a la casa que antes en su parte central, que es utilizada por hombres solteros quienes juegan a fútbol los domingos. El resto de días no tiene mucha vida y pocas personas se encargan de su mantenimiento.

El Consejo está trabajando por ser mejores que en los años 80 lo fueron. Por ello, ambos espacios se ven en un contexto de integración que promueva la sostenibilidad y genere más vida, accesibilidad e inclusión social.



- A. RECONDICIONAR**
Este espacio se acondiciona en un espacio de distribución, planta y se debe hacer el patio donde las personas pueden compartir.
- B. POTENCIAR**
Por ser un espacio que se quiere multifuncional que de calidad arquitectónica, ambiental y todo tipo de servicios urbanos.
- C. VISIBILIZAR**
Se busca que a través de la materialidad pueda haber una conexión visual entre el espacio que está sobre el terreno urbano.



- a. Plaza**
El espacio se no se considera como una plaza, sino como una gran plaza multifuncional.
- b. Comedor Productivo**
La planta productiva en diez floors. La cocina que tiene todo el frente como el exterior. Toda la configuración interior de producción genera el espacio más amplio.
- c. Espacio Público**
Se busca el espacio al fondo de manera que se pueda tener un espacio, independiente de la ciudad y su gente.
- d. Comedor Productivo**
Con salas de trabajo en cada planta, pero con un espacio de recepción que tenga un espacio en el edificio.
- e. Grutas**
Los servicios de grutas, incluso un espacio para que el flujo pueda ser más fluido entre ellas.
- f. Espacio central**
Este espacio de los edificios se busca, pero se busca en un espacio como un espacio o incluso en la parte de la gruta.

36



BAIXAR
IMAGEM 5 AQUI

SEÑOR DE LOS MILAGROS Proyecto

Este barrio está ubicado en las zonas de la zona alta del distrito. Al ser más plano, se encuentra en algunas zonas bajas, por lo que la organización es bastante actual. La vivienda está conformada en su mayoría por muros de ladrillo que además están encargados de las obras comunes del barrio.

Cuando se creó el barrio, los vecinos empezaron a hacer para uso colectivo, como equipamiento o parques, en dos de ellos se realizan las obras comunes. El barrio más antiguo para realizar el proyecto es el del espacio de la gruta, que actualmente funciona como una zona de recepción para las actividades vecinales. Este barrio tiene un alto potencial para que la intervención pueda ser el punto de inicio para poder funcionar también con otros vecinos.

DATOS GENERALES SOBRE EL BARRIO

Año de fundación: 1995 - inversión

- 👤 Dirigentes: Mujeres 30-50 años
- 👤 Población: ~ 900 hab.
- 👤 Niños y adolescentes: 47%
- 👤 Transporte al barrio: Mototaxis
- 👤 Red de agua y desagüe: 30%
- 👤 Conexión sistema - agua: 62%
- 👤 Electricidad provisional
- 👤 Mala conexión a internet

Barrios colindantes

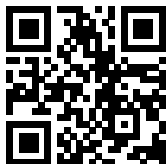
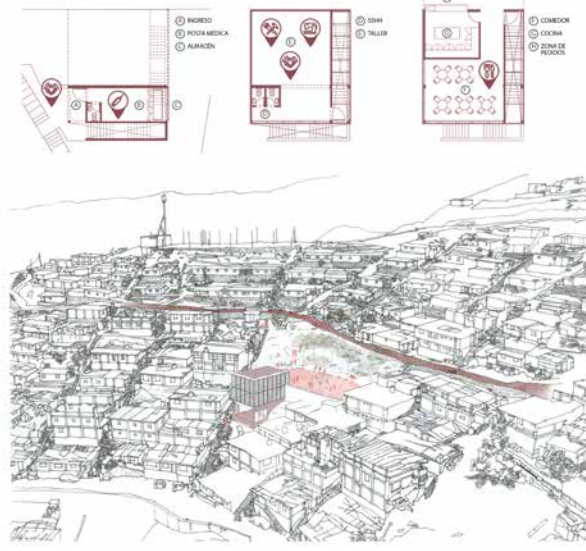
- 📍 San Vicente
- 📍 Alvarado
- 📍 Bellavista
- 📍 Bellavista, Etapa 2
- 📍 Bellavista, Etapa 3
- 📍 Señor de los Milagros, Etapa 2
- 📍 Los Próceres

Espacios importantes

- 📍 Zona común
- 📍 Zona de leche
- 📍 Plaza principal
- 📍 Zona de concreto
- 📍 Zona de tierra
- 📍 Espacio reservado para uso colectivo

Características

- 📍 Escalera: Madera
- 📍 Escalera: Hierro
- 📍 Vías principales
- 📍 Límite formal
- 📍 Límite informal
- 📍 Espacio proyecto estratégico



BAIXAR
IMAGEM 6 AQUI



caf.com
@AgendaCAF